

A CONSTRUÇÃO DA "CIDADE SUSTENTÁVEL": UM ESTUDO DE CASO SOBRE SEROPÉDICA (RIO DE JANEIRO, BRASIL)

Leandro Dias DE OLIVEIRA

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro [UFRRJ] – Brasil
ldiasufrj@gmail.com; leandrodias@ufrj.br

Resumo

A Administração Municipal de Seropédica, cidade situada na borda oeste da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (Brasil), assistiu, entre 2013 e 2016, a adoção do modelo de "cidade sustentável" ao mesmo tempo em que recebeu o contributo de novos empreendimentos do ramo industrial e logístico. O que se pretende aqui é um breve julgamento destas propostas em curso na cidade.

Palavras-chave: Cidade Sustentável; Reestruturação Territorial-Produtiva; Desenvolvimento Sustentável; Seropédica; Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Abstract

The Municipal Administration of Seropédica (2013-2016), located on the western edge of the Metropolitan Region of Rio de Janeiro (Brazil), adopted the "sustainable city" model at the same time that lives the implementing of new projects in industrial and logistics sectors. Our proposal is a brief judgment of these proposals implanted in the city.

Keywords: Sustainable City; Territorial-Productive Restructuring; Sustainable Development; Seropédica; Metropolitan Region of Rio de Janeiro.

1. Introdução

O desenvolvimento sustentável – normatização geopolítica e geoeconômica que se consolidou mundialmente a partir da década de 80 do século XX – implica um progressivo e seletivo ajuste econômico-ecológico-espacial da ordem vigente. Compreende uma fórmula de racionalidade instrumental da natureza, vilipendiada como matéria-prima, recurso e combustível e que, por este motivo, apresenta necessidade urgente de produção e reprodução. Utilizar as riquezas naturais sem esgotá-las, constituir tecnologias não poluentes e imprimir uma disciplinaridade ambiental de gestão política, econômica e social são demandas incontestas da ordem espacial dos dias atuais.

Inserido na reestruturação espacial contemporânea, o desenvolvimento sustentável está no bojo das necessidades produtivas neste século que se inicia. A adoção sistemática de um uso 'racional' da natureza, com manutenção e renovação de estoques e garantia de matérias-primas mais criteriosamente utilizadas; a renovação do parque tecnológico-industrial com mecânica ecologicamente correta, por meio de filtros e outros mecanismos antipoluição; o investimento em fontes alternativas de energia; o fortalecimento das engenharias no campo biológico-genético; a consolidação propagandística das práticas ambientalmente adequadas, aproximando diferentes atores da sociedade civil em agendas

comuns, são medidas adotadas *omni tempore* em um verdadeiro emaranhado de ações incapazes de romper com o processo de obliteração da natureza em escala global.

Neste panorama, entre 2013 e 2016, a cidade de Seropédica¹ passou a adotar uma série de medidas – cuja eficácia é questionável ou de difícil mensuração – para adequar-se ao modelo de “cidade sustentável”. Durante a administração municipal de Alcir Fernando Martinazzo (2013-2016) e por intermédio da atuação mais incisiva do então Secretário Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Sustentável, Wilson Beserra, Seropédica adotou a sustentabilidade como “*slogan*” e direcionou seus esforços na execução de medidas ambientalmente adequadas ao modelo. Vale asseverar que a construção da “Seropédica Sustentável” ocorreu concomitantemente ao seu desenvolvimento econômico-industrial: afinal, assim como toda a Região Metropolitana do Rio de Janeiro (Figura 1) – particularmente nas bordas metropolitanas (Oliveira, 2015) – Seropédica vem experimentando significativas modificações em sua estrutura econômica com o despontar de novos investimentos produtivos.

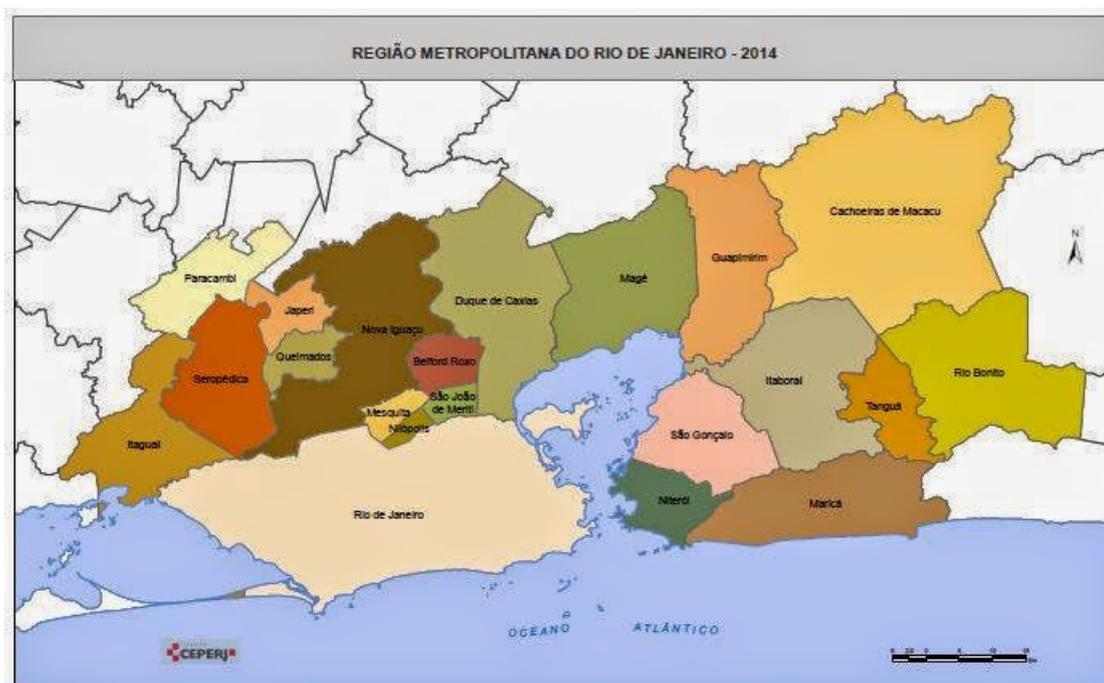


Figura 1: Mapa da Região Metropolitana do Rio de Janeiro; a oeste, Seropédica, entre as cidades de Itaguaí, Paracambi, Japeri, Queimados, Nova Iguaçu e Rio de Janeiro.

Fonte: www.ceperj.rj.gov.br. Acesso em: 20 de janeiro de 2016.

¹ Seropédica é uma cidade localizada na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, em uma área conhecida popularmente como Baixada Fluminense. Desmembrada do município de Itaguaí, é uma das cidades de emancipação mais recente do estado do Rio de Janeiro, criada através da Lei Estadual n.º 2.446, de 12/10/1995, e com instalação administrativa em 01.º/01/1997. A sua área é de 283,762 km² e possui uma população estimada pelo IBGE de 78.186 habitantes. A cidade de Seropédica é sede do parque de pesquisa da EMBRAPA – Agrobiologia, da FLONA Mário Xavier (conhecida como Horto) e, particularmente, do Campus Central da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro [UFRRJ], que tem grande influência econômica e social, fazendo de Seropédica a “cidade dos estudantes”.

O objetivo central desta investigação é analisar as intervenções realizadas pela Prefeitura Municipal de Seropédica no caminho da constituição do desenvolvimento sustentável durante a gestão de Alcir Fernando Martinazzo (2013-2016). Tal exame permite discutir o papel do desenvolvimento sustentável no âmbito da reestruturação territorial-produtiva em curso em múltiplas escalas. Inserido na reestruturação espacial contemporânea, apontamos neste artigo a articulação do desenvolvimento sustentável com a expansão econômico-produtiva da cidade, algo de fundamental importância para os debates no âmbito da geografia brasileira, europeia e mundial.

2. A construção da sustentabilidade como princípio econômico-ecológico-espacial

A concepção de desenvolvimento sustentável extravasa a insípida definição contida no documento seminal *"Nosso Futuro Comum"* (chancelado pelo PNUMA – Programa das Nações Unidas da ONU), indicando que se trata de um modelo de desenvolvimento que atende *"as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades"* (Brundtland, 1988 [1987], p. 46). Esta definição é vaga, imprecisa e maliciosa – por sua maleabilidade aos mais diferentes padrões políticos e econômicos – e reverbera um processo global de requalificação econômica da natureza enquanto combustível. Desde então, progressivamente, o termo "sustentável" passou a frequentar, com grande assiduidade, o vocabulário das políticas públicas e empresariais e influenciar diretamente desde a produção de mercadorias ecologicamente certificadas até a construção de discursos de boas práticas ambientais.

Nas cidades o qualificativo "sustentável" tem impingido na reestruturação urbana um processo de reestilização da paisagem, com a aplicação da nova estética e a construção de objetos que, entre diversas possibilidades, dinamizam o *"city marketing"*. Com as fábricas distanciadas do cotidiano urbano, as cidades se *"sustentabilizam"*, sem que isso altere a realidade social das mesmas. Cidades que se pretendem ambientalmente corretas são uma tônica da urbanização pós-moderna, com a paulatina adoção arquitetura ecológica, formas de tratamento e reutilização de água e coleta seletiva de lixo (Oliveira, 2014). Além disso, eco-residências e eco-condomínios, áreas 'verdes' no urbano e tecnologias sustentáveis em diferentes pontos da urbe são paulatinamente implementadas, aludindo a um novo estatuto simbólico-estético do espólio da natureza. Especialmente em países periféricos, tais medidas são geograficamente seletivas, uma vez que esta revalorização da natureza ganha maior fôlego nas áreas mais abastadas do sítio urbano; isto acaba por fazer com que a própria proteção ambiental amplie o abismo entre as áreas de maior investimento público e aquelas que não são merecedoras de maior

atenção dos gestores. A própria ‘proteção da natureza’, sob este aspecto, revela as contradições de classe na escala do urbano.

Com raízes na ecologia e relacionado à autoperpetuação dos ecossistemas naturais em sua capacidade de sobrevivência (Brüggner, 1994) – *numa espécie de equacionamento dos recursos disponíveis com o crescimento populacional de determinada espécie, o que revela uma simplicidade do entendimento de ‘sociedade humana’* – o termo “sustentável” espalhou-se como perspectiva de maior justiça socioambiental. À revelia das disparidades entre as *propostas* e as *práticas* ou de intervenções no centro e na periferia urbana, a noção de sustentabilidade vem ignorando as desconfianças e críticas e contraditoriamente se consolidando por meio de desdobramentos práticos capilarizados no espaço.

O desenvolvimento sustentável se consolidou – em particular, após a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento [1992], realizada na cidade do Rio de Janeiro (Oliveira, 2011) – como um importante mecanismo de coalizção entre diversos sujeitos sociais: dos Estados em suas múltiplas escalas às empresas de diferentes portes, dos ativistas sociais envolvidos em ONGs, associações de moradores e sindicatos às universidades, da educação ambiental nas escolas, em diferentes segmentos de ensino, aos cadernos especializados da grande média. O desenvolvimento sustentável, como ideologia e como prática seletiva – reforça-se aqui que se extrai da Agenda 21 (1996 [1992]) o que mais diretamente interessar, ou seja, o que gerar maiores lucros ou simplesmente melhor propaganda –, avançou a passos largos no Brasil e no mundo, ainda que as melhorias ambientais não sejam nem sempre perceptíveis. A sustentabilidade permanece como aposta ideológica *anticrise*, ainda que se ressalte que esta crise contemporânea é multifacetada: [geo]política, econômica, social, econômica e urbana.

3. A construção da “Seropédica Sustentável”

A adoção do desenvolvimento sustentável como “slogan” municipal na cidade de Seropédica significou, acima de tudo, a alusão à modernização da cidade. Sem raízes políticas no jovem município, Alcir Martinazzo, prefeito eleito no pleito de 2012 – já era o alcaide da cidade desde a cassação do mandato do seu antecessor, Darci dos Anjos – apresentou uma campanha com base em um discurso modernizador, em contraposição aos projetos dos políticos locais, considerados retrógrados e ultrapassados. Sua escolha indicava a opção dos eleitores pelo desenvolvimento econômico da cidade.

De fato a tônica de seu governo foi a atração de empresas para o território do município. Desde 2013, Seropédica atraiu investimentos diversos, dentre os quais merecem destaque: a instalação dos galpões de transitório de mercadorias Pavi do Brasil Pré-Fabricação, Tecnologia e Serviços Ltda. e Vallourec & Sumitomo Tubos do Brasil, ambos na Estrada Reta de Piranema [RJ-099]; os condomínios logísticos Golgi Seropédica, na RJ-125, e VBI LOG Seropédica, próximo à Rodovia Presidente Dutra – além dos Condomínios Logísticos Seropédica I e II, Multimodal Seropédica, CCP Seropédica, Seropédica

Park e Galpão da Capital Brasileiro de Empreendimentos Imobiliários Ltda. (Casas Bahia), todos em fase de instalação; a inauguração de condomínios industriais no retroporto de Itaguaí; a efetivação do Polo Industrial de Seropédica – onde já estão presentes a Eletrobolt, a alimentícia Panco, a Mefertec Engates Rápidos e a Eletrobolt; e, por fim, a instalação de uma unidade da Procter & Gamble no limite com a cidade vizinha de Paracambi.

Assim, é justamente no momento em que se inicia um movimento de industrialização, com um processo ainda preliminar de reordenamento logístico do território, para que a questão ambiental emergisse nas políticas públicas da Prefeitura Municipal. Trata-se de um caso emblemático: uma cidade que há poucos anos apresentava feições ainda majoritariamente “rurais” não tinha o meio ambiente como “propaganda”; no exato momento que a cidade rompe o estatuto da ruralidade, recebe uma rodovia (o Arco Rodoviário Metropolitano, que contorna toda a Região Metropolitana do Rio de Janeiro) cortando a Floresta Nacional Mário Xavier – uma área de preservação “integral” da natureza, agora cortada por uma via expressa – e ainda estimula a instalação de empresas potencialmente poluentes a “proteção do meio ambiente” se torna alvo político. A cidade de Seropédica, em processo de aumento da carga de poluição [do ar, da água e do solo], de instalação de pavimentação asfáltica, diminuição das áreas verdes e que assiste o advento de outros impactos ambientais frutos do progresso, passa a se intitular “Cidade Sustentável”.

Algo simbólico da história recente da cidade foi a instalação da Central de Tratamento de Resíduos [CTR] – parte da empresa Ciclus – no Morro dos Cochos (Fazenda Santo Antônio, próxima à Agrovila de Chaperó), na área de Piranema, no limite com Itaguaí. Tal empreendimento situa-se a pouquíssimos quilômetros de uma agrovila que se trata de um assentamento do INCRA, além de também estar localizado em uma área que contém uma reserva de águas subterrâneas, o Aquífero Piranema. A 8,5 quilômetros da UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, a escolha foi motivo de crítica da comunidade acadêmica e da sociedade civil, e mesmo a promessa de implantação de cinturões verdes – corredor de árvores ao redor do aterro, para amenizar o odor e a propagação de pragas – não foi capaz de disfarçar o tamanho da insatisfação local com um empreendimento ambientalmente problemático (Affonso-Penna, 2013, p. 25). A CTR – Santa Rosa objetivou desativar antigos lixões da região metropolitana e trazer para suas bordas um modelo “ambientalmente correto” de tratamento de resíduos inserido na nova lógica espacial de desenvolvimento metropolitano fluminense.

A construção da “Seropédica Sustentável” tratou-se de uma típica estratégia política ilusória. Lamentavelmente, a administração municipal não constituiu os típicos objetos espaciais que reverberam a sustentabilidade urbana: parques, jardins urbanos e construções públicas sustentáveis, por exemplo. Assim, a sustentabilidade urbana de Seropédica sequer foi efêmera, transitória ou fugidia; o legado ecológico do período administrativo de Martinazzo é ignóbil e uma farsa, incapaz de preconizar um legado de ações concretas em prol do meio ambiente. Isto porque, como a implementação de ações ambientais é concomitante com sua propaganda, não se esperou qualquer melhoria nos indicadores

socioambientais para se iniciar a divulgação da construção da sustentabilidade. Tais melhorias são geralmente lentas – no caso de Seropédica sequer existiram –, e o tempo de uma administração municipal não permitiria uma séria aferição das mudanças desta natureza. Da mesma maneira, como os indicadores – climáticos, botânicos, sociais, etc. – ficam em segundo plano na adoção do modelo de sustentabilidade, a preferência é que as “ações ambientais” sejam visíveis politicamente, e cursos de educação ambiental, projetos em praças [efêmeros], coletas seletivas em pontos visualmente estratégicos [bastantes escassos na realidade local], conferências, sítios eletrônicos e cartilhas se tornam os artifícios obrigatórios na adoção da agenda do desenvolvimento sustentável.

O investimento em planejamento urbano – algo não executado – tinha como intenção maior, segundo seu próprio idealizador (o já citado Secretário de Planejamento e Desenvolvimento Sustentável, Wilson Beserra), a proposição de soluções de mobilidade urbana, diminuição de deslocamentos e criação de bolsões com infraestrutura para o crescimento industrial na cidade, em prol do crescimento sustentável. Assim como não houve investimentos na melhoria de infraestrutura urbana – a cidade ficou marcada pelo fechamento de postos de saúde, deterioração no asfaltamento e crise em todos os serviços públicos –, a intenção da Prefeitura Municipal de incorporar nas ruas locais dos bairros calçadas com 3 m ou mais com faixa ajardinada não ultrapassou a esfera da intenção. A própria implementação de coleta seletiva e a instalação de “*ecopontos*”², que seriam executados por meio de parcerias entre a Secretaria Municipal de Ambiente e Agronegócios (SEMAMA), a empresa Ciclus e a Cootraser (Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Seropédica Ltda.) não passou de uma ideia interessante relegada a um relicário de projetos políticos.

Todavia, medidas de pouco lastro efetivo foram constantemente empreendidas: [i] desenvolvimento, por parte da Secretaria Municipal de Ambiente e Agronegócios, de atividades educação ambiental e de análise de água, por meio do Projeto *Environment Online*, de um pequeno lago situado na Floresta Nacional Mario Xavier com aproximadamente 200 alunos, de oito escolas, entre públicas e particulares; [ii] a realização de sessões gratuitas do Projeto CineSolar, primeiro cinema móvel do Brasil, que utiliza energia solar para exibir filmes e iniciou seu novo circuito justamente nesta cidade e na vizinha Japeri; [iii] o oferecimento de cursos ambientais, tanto nas escolas estaduais e municipais quanto na rede privada, associado ao constante incentivo de plantio de árvores nativas dentro do município de Seropédica, como o caso da Escola Estadual Piranema, onde se realizou plantio de mudas no “*ENO Tree Planting Day*”, em conjunto com 10 mil escolas em 157 países no mundo; por fim, [iv] a realização da I Conferência Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário, com o comparecimento de quarenta produtores rurais e de representantes da EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado Rio de Janeiro) e SEBRAE/RJ (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e

² Tais *ecopontos* intencionavam organizar o recolhimento e separação de resíduos descartados, apartando, por exemplo, o lixo orgânico (frutas, verduras, restos de carne e outros alimentos) que é capaz de virar adubo de outros materiais recicláveis, como papéis, plásticos, metais e vidros.

Pequenas Empresas). Não se trata de questionar a importância de tais ações, mas de asseverar o pouco impacto ambiental das mesmas, em curto, médio e mesmo longo prazo.

4. A reestruturação ecológico-econômico-espacial de Seropédica

A crise ambiental contemporânea significou, particularmente nos países mais desenvolvidos, uma profunda mudança no perfil de suas fábricas, uma vez que a poluição tornou-se um indiscutível anátema ambiental e há muito as chaminés deixaram de ser unanimidade como símbolos inequívocos de progresso. Assim, com o espraiamento das fábricas pela periferia mediante as quebras das barreiras da globalização, o vínculo espacial dos problemas ambientais migrou do centro para a periferia do sistema-mundo; tornou-se notório que com o esgotamento do fordismo nos países centrais e quebra das fronteiras produtivas no presente, a grande indústria desertou para os países outrora entendidos como subdesenvolvidos. Segundo Slavoj Žižek (2009, p. 28), com a deslocalização das fábricas exportou-se o lado sombrio da produção industrial – trabalho disciplinado e hierarquizado, contaminação ambiental etc. – para o Terceiro Mundo, ou melhor, para lugares invisíveis ao mundo desenvolvido.

Nestes países periféricos assistimos a emergência de uma espécie de combinação de fordismo extemporâneo com um regime de acumulação flexível burlesco, cuja adequação ao desenvolvimento sustentável é *seletiva*, já que os ajustamentos ambientais não alteram profundamente o perfil poluidor em suas diversas possibilidades; e *ideológica*, pois acabam ocupando áreas que não raro eram dedicadas à agricultura familiar, com pouco impacto ambiental. A adoção de qualquer medida ambiental por parte desta fábrica migrante é falseadora, porque gera máculas ecológicas outrora inexistentes. Permanece assim um estilo de desenvolvimento, nascido com a revolução industrial e reforçado pelo fordismo onde a natureza se consolidou como “combustível”, ou seja, estoque de matérias-primas e recursos naturais. Assim, ao invés de se pensar em uma reformulação profunda no significado de desenvolvimento, cada vez mais mecanizante, excludente e responsável pelo atraso (Oliveira, 2003), assistimos o fausto de seus pressupostos técnicos, uma vez que a concepção hegemônica de desenvolvimento acaba se afastando cada vez mais de possíveis processos de melhorias dos problemas sociais.

As mutações em curso na cidade de Seropédica poderão significar profundas transformações políticas, econômicas e sociais em sua paisagem nos próximos anos. Com a nova revolução industrial fluminense em curso, Seropédica permanece como importante polo atrativo para recepção de novos investimentos, com um extraordinário eixo viário-distributivo de mercadorias; um local privilegiado para servir como entreposto para alocação de bens de produção do Porto de Itaguaí; e, por que não, nutriz de mão-de-obra qualificada e especializada dos quadros egressos a UFRRJ para estes novos empreendimentos (Figura 2). Todavia, estes investimentos produtivo-logísticos – como informado, se aglutinam empreendimentos fabris, galpões e silos de estocagem e trânsito de mercadorias, estruturas intermodais de contato de transportes de carga, etc. – não somente reverberam a ideologia do

desenvolvimento, mas suas adaptações contemporâneas: desenvolvimento local, regional, sustentável, integrado, bem como ocorrem com seletivas adaptações do modelo flexível de produção. E como o fordismo não atingiu a maturidade econômico-produtiva nas terras brasileiras e tampouco se constituiu minimamente o estado de bem-estar social, o que se tem de fato é um modelo proto-flexível, com a combinação esquizofrênica de trabalhadores braçais com pouquíssimos direitos com o que há de mais moderno e avançado em termos de tecnologia. Da mesma maneira, as plantas fabris que incorporam o *just-in-time* e a lógica da pulverização produtiva possuem entradas mais rígidas, mecanismos duros de vigilância e rotina mais rigorosa de trabalho. São “empresas-bunkers”, com seguranças em suas casamatas, que se apropriam do território como se o mesmo não possuísse quaisquer atributos da sociedade local.



Figura 2: UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro: com 57 cursos de graduação atendendo cerca de 18 mil alunos e 41 cursos de mestrado e doutorado; com cerca de 2.000 discentes, a instituição apresenta imenso potencial de formação de egressos bastante qualificados.

Fonte: <http://cursos.ufrj.br/posgraduacao/ppqe/files/2015/09/2012040358294.jpg>. Acesso em: 20 de janeiro de 2016.

De todo modo, se alargarmos o entendimento do paradigma da “sustentabilidade” na cidade, é permitido compreender que a adoção do modelo de desenvolvimento sustentável pela Prefeitura Municipal é parte estatutária da reestruturação territorial-produtiva em curso e necessidade do capitalismo financeiro-industrial contemporâneo. A cidade, a fábrica, as rodovias, os novos trabalhadores: tudo isto, no advento do Século XXI, já deve emergir adequado aos pressupostos do modelo vigente de sustentabilidade. O processo de construção gradual da “acumulação flexível à brasileira” emerge adequado aos pressupostos da sustentabilidade.

Vale ressaltar que conjugando uma população local, que olha com desconfiança para os atuais empreendimentos instalados no território seropedicense e que saúda o caráter ainda rural do cotidiano,

com estudantes universitários, professores e pesquisadores em constante circulação por suas vias, não se torna fácil transformar bandeiras ideológicas como o “desenvolvimento” e a “sustentabilidade” em *leitmotiv* das ações empreendidas. Para o morador seropedicense, os investimentos sonhados são bem mais simples: postos de saúde que forneçam a mínima tranquilidade em caso de quaisquer necessidades médicas; escolas melhor equipadas com professores suficientemente remunerados para exercer sua profissão; praças públicas que subsidiem o encontro de famílias; asfaltamento, saneamento básico, coleta de lixo regular e outros investimentos estruturais plenamente factíveis pelo porte da cidade; mobilidade espacial minimamente capaz de aproximar a realidade local da vizinhança; segurança para além dos condomínios-bunkers em formato “medievaresco” que espocam pelo sítio urbano amplificando a violência na paisagem. As densidades técnicas colocadas em xeque abrem espaço para uma esperança bem mais simplória e de ingenuidade inaudita: um desenvolvimento mais democrático e justo, em uma cidade cujas riquezas naturais ainda resistem – apesar da implantação dos pressupostos da sustentabilidade, construídos no bojo do desenvolvimento modernizador e excludente, insistirem em destruí-las.

5. Considerações finais

Nas últimas eleições municipais, ocorridas em 02 de outubro de 2016, Anabal Barbosa de Sousa foi eleito com 24.124 votos, correspondentes a 84,53 % dos votos válidos, numa vitória irrefutável de Anabal Barbosa já havia sido prefeito anteriormente: ele governou a cidade logo após a emancipação e acabou reeleito na ocasião, ocupando a Prefeitura Municipal entre 1997 e 2004. Trata-se de um político de origem local, bombeiro militar reformado e com ensino fundamental incompleto, que se apresentou na última eleição como alguém próximo à população e que convive diuturnamente com as mesmas mazelas.

Por sua vez, Alcir Martinazzo, engenheiro agrônomo que estudou na UFRRJ, sequer apoiou explicitamente um candidato para substituí-lo, mediante a sua rejeição pela população local. Não se pode aqui afirmar que Martinazzo representou exatamente o novo quando eleito: o ex-prefeito já possuía sete mandatos como vereador na cidade de Itaguaí em uma longa trajetória política e tinha ocupado o posto de vice-prefeito na mesma cidade; da mesma maneira, durante sua gestão, foi cassado em duas ocasiões por improbidade administrativa, conseguindo retornar apenas com mecanismos judiciais. O que se pode afirmar é que a vitória de Anabal Barbosa simbolizou, em linhas gerais, a descrença no desenvolvimento nos moldes outrora vigentes.

Com o fim do mandato de Alcir Martinazzo, encerrou-se o ciclo da construção da “Seropédica Sustentável”. As faixas, cartazes, anúncios e a própria página eletrônica da Prefeitura Municipal de Seropédica já apresentam o novo slogan político: “Governo do Povo”. Não há qualquer legado factível da aventura da construção do desenvolvimento sustentável na cidade de Seropédica: o que de fato ficou como herança é a desconfiança genuína da população local para com as intenções de proteção da

natureza por parte da administração municipal. A adoção da “sustentabilidade” na cidade de Seropédica não se tratou, sem dúvidas, de uma aventura com final feliz.

6 - Bibliografia

Affonso-Penna, M. F. (2013). *A “sustentabilidade” da CTR – Central de Tratamento de Resíduos: Impactos Sociais e Ambientais em Seropédica*. Monografia de Graduação em Geografia – Departamento de Geociências, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica, RJ.

Agenda 21 (1996 [1992]). Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. *Agenda 21*. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas.

Brüggner, P. (1994). *Educação ou Adestramento Ambiental?* Santa Catarina: Letras Contemporâneas.

Brundtland, G. H. (1988 [1987]). Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. *Nosso Futuro Comum (Relatório Brundtland)*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

Oliveira, F. (2003). *Crítica à razão dualista – O ornitorrinco*. São Paulo, Boitempo.

Oliveira, L. D. (2011). *A Geopolítica do Desenvolvimento Sustentável: um estudo sobre a Conferência do Rio de Janeiro (Rio-92)*. Tese de Doutorado em Geografia – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas – SP.

Oliveira, L. D. (2014). Geografia urbana e desenvolvimento sustentável: notas acerca da reestruturação espacial contemporânea. In: Oliveira, F.; Freire, D.; Mascarenhas, G.; Oliveira, L. D. de (Org.). *Geografia Urbana: Ciência e Ação Política*. Rio de Janeiro: Consequência.

Oliveira, L. D. (2015). A emersão da região logístico-industrial do Extremo Oeste Metropolitano fluminense: reflexões sobre o processo contemporâneo de reestruturação territorial-produtiva. *Espaço e Economia: Revista Brasileira de Geografia Econômica*, Ano IV, Número 7, Julho-Dezembro de 2015. [Online]. Disponível em: <http://espacoeconomia.revues.org/1814>; DOI: 10.4000/espacoeconomia.1814. [Acesso em 25 de janeiro de 2016].

Žlžek, S. (2009). *Violência: seis notas à margem*. Lisboa: Relógio D'Água.

Agradecimentos

Estas reflexões estão vinculadas ao Grupo de Pesquisa “Reestruturação Espacial Contemporânea” [DEGEO-UFRRJ] e são parte do projeto de pesquisa “O Processo de Reestruturação Territorial-Produtiva do Oeste Metropolitano Fluminense”, desenvolvido com o apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ (Auxílio Instalação / 2012 e bolsas de iniciação científica), do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, por meio de bolsas de

iniciação científica (PIBIC), iniciação à docência (PIBID) e de mestrado. Da mesma maneira, este estudo é integrante do projeto de cooperação internacional, entre a UFRRJ e a Universidade do Porto, intitulado *"Reestruturação Espacial e Desenvolvimento Regional: Um Estudo Comparativo entre a Região Norte de Portugal e o Estado do Rio de Janeiro"*, do qual o autor é coordenador juntamente com a Prof.^a Dr.^a Helena Pina, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto [FLUP - U.PORTO].